

SOBRE O CONCEITO DE “TEMA” EM MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM

ON THE CONCEPT OF “THEME” IN MARXISM AND PHILOSOPHY
OF LANGUAGE

William Moreno Boenavides¹

*O destino da palavra é o da sociedade que fala.
Mikhail Bakhtin (Volochinov), Marxismo e filosofia da linguagem.*

Resumo: *O presente trabalho sistematiza a presença do conceito de “tema” no livro Marxismo e filosofia da linguagem (1929, edição consultada: 1988), de Mikhail Bakhtin (V. N. Volochínov). Empreende-se a análise teórica de tal conceito, bem como a de outros a ele relacionados, tais como “forma”, “realidade”, “psicologia do corpo social”, “sentido” e “significação”, sempre à luz da perspectiva bakhtiniana (volochvioniana).*

Palavras-chave: Marxismo e filosofia da linguagem; conceitos; tema.

Abstract: *This paper aids to systematize the use of the concept of “subject” contained in the book Marxism and the Philosophy of Language (1929, consulted edition: 1988), by Mikhail Bakhtin’s (VN Volochinov), through the theoretical analysis of this concept, as well as others related to it, such as “shape”, “reality”, “psychology of the social body”, “meaning” and “significance”, always under the Bakhtinian (volochivania)] perspective.*

Keywords: Marxism and philosophy of language; Concepts; theme.

1 Introdução

O presente trabalho tem por objetivo o estudo do conceito de “tema” na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929, edição consultada: 1988²) de

1 Doutorando em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 Tendo sua primeira publicação, em russo, em 1929 e com uma reedição logo no ano seguinte, a obra em questão teve sua circulação e recepção limitada pelo aparato burocrático stalinista que após a morte de Lênin, dava permissão oficial à circulação somente a produções intelectuais subordinadas a seus interesses.

Mikhail Bakhtin (V. N. Volochínov³). A intenção de realizar essa pesquisa partiu da percepção da recorrência com que esse termo é referido pelo autor na referida obra⁴, bem como da verificação de que esse conceito mantém estreita relação com elementos fundamentais do pensamento bakhtiniano (volochivoniano). Também se observou que sua definição não era suficientemente clara, mesmo que o tenha várias ocorrências e que em certos momentos o autor chegue a definir alguns de seus aspectos (cf. BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 1988, p. 45, 128, 129 e 131). Além disso, a leitura de textos que se detêm diretamente no assunto, como Cereja (2005)⁵, em que a busca por definições de conceitos-chave na obra Bakhtiniana⁶ é empreendida por um recorrido ao longo de diversos escritos do autor, não objetiva analisar

-
- 3 Hoje sabe-se com alguma clareza, embora muitos elementos permaneçam inexplicados, que o provável autor de *Marxismo e filosofia da linguagem* é Volochínov (V. Sériot, 2015). A despeito de ter sido essa a assinatura da obra na sua primeira edição russa, na década de 1970, difundiu-se no Ocidente, a partir das afirmações do semiólogo V. V. Ivánov, que a autoria de fato fosse de Bakhtin. Como somente nas últimas décadas o consenso em torno do nome de Volochínov começou a crescer, as traduções que foram surgindo nesse intercurso variam, atribuindo a autoria ora a um, ora a outro e às vezes aos dois. Na edição argentina, por exemplo, a autoria é atribuída a Volochínov, embora no prefácio, a tradutora Tatiana Bubnova afirme que as contribuições de Bakhtin – que não podem ser delimitadas – a essa obra sejam patentes (cf. BUBNOVA, 2009, p. 12-13). Os resultados do presente trabalho não sofrem interferência desse problema, já que se detêm na análise conceitual focada em uma única obra, em que relações com outras produções são feitas com o intuito de esclarecimento teórico e não de autoria. Por questões práticas, as referências ao autor do livro seguirão a designação apresentada na tradução a partir da qual a pesquisa foi empreendida, isto é, a brasileira (traduzida do francês): Bakhtin (Volochínov).
- 4 Ao longo dos 11 capítulos do *Marxismo e filosofia da linguagem* (1988), o conceito “tema” (ou algum termo derivado) ocorre 93 vezes (incluindo as duas situações em que aparece retomado por dêitico). As ocorrências estão assim divididas (os capítulos não referidos não apresentam nenhuma ocorrência): primeira parte – Filosofia da linguagem e sua importância para o Marxismo – Capítulo 2. Relação entre a infraestrutura e as superestruturas: 14 ocorrências; segunda parte – Para uma filosofia Marxista da linguagem – Capítulo 4. Duas Orientações do Pensamento Filosófico Linguístico: 1 ocorrência; Capítulo 7. Tema e Significação na Língua: 42 ocorrências (mais duas retomadas por dêitico); terceira parte – Para uma história das formas da enunciação nas construções sintáticas: tentativa de aplicação do método sociológico aos problemas sintáticos – Capítulo 9. O “discurso de Outrem”: 15 ocorrências; Capítulo 10. Discurso indireto, discurso direto e suas variantes: 9 ocorrências; Capítulo 11. Discurso indireto livre em francês, alemão e russo: 10 ocorrências.
- 5 Que fique claro que a obra em que o trabalho citado se insere (BAKHTIN: conceitos-chave / Beth Brait, (org.). – São Paulo: Contexto, 2005) não tem o propósito de esmiuçar os conceitos que apresenta. Como explica, na introdução, a organizadora Beth Brait (2005, p. 8), a referida obra tem um caráter pontual: “responder a insistentes e constantes questões que dizem respeito à maneira como conceitos, categorias e noções foram ganhando especificidade no conjunto dos trabalhos do Círculo [de Bakhtin]”. Seu propósito não é, portanto, esgotar a análise sobre as noções apresentadas no livro, mas investigar os conceitos que, considera, formam os pilares do pensamento bakhtiniano.
- 6 No caso específico dessa obra, a problemática autoral não é levantada, portanto, aqui a referência unicamente a Bakhtin sem incluir Volochínov.

as implicações que tal conceito pode ter dentro de uma mesma obra. No presente estudo tenciona-se chegar a reflexões basilares da concepção de linguagem presente na obra em questão através do conceito aqui em foco.

Envolvendo pontos estruturantes dos postulados defendidos em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1988), a divisão das seções (a partir da 2ª) corresponde aos problemas envolvidos no estudo do conceito. Dessa forma, a seção 2 do presente estudo aborda o vínculo que o conceito de "tema" mantém com a relação entre infra e superestruturas, preocupação incontornável para o pensamento materialista. A seção 3 traz a discussão empreendida por Bakhtin (Volochínov) sobre o que o autor chama de "Psicologia do corpo social" e sua materialização na linguagem. Processo no qual, se percebe a inseparabilidade da noção de forma da de conteúdo para a discussão sobre o "tema". Na 4ª seção, estuda-se a relação entre o tema e o que os indivíduos de um determinado grupo social entendem por realidade, a partir da emersão/vitória de certos índices de valores. Ainda aí, observa-se como esse processo é dinâmico, visto que a relação entre os temas e as formas que emergem e os que não emergem é conflitiva e contraditória. Na mesma seção, demonstra-se a inseparabilidade da significação e da apreciação (valoração) e a importância disso para as mudanças ocorridas na língua. Ao final, observa-se a relação entre a instabilidade permanente do "tema" e a estabilidade provisória da "significação" e como a instabilidade do primeiro influi para a efemeridade da estabilidade do segundo. Entende-se a relevância em minuciar os conceitos presentes em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1988) em função de nele encontrarmos a "discussão mais detalhada da noção dialógica da linguagem, [e de tratar-se do] único estudo extenso sobre a linguagem, em forma de livro, desenvolvido pelos membros do então designado Círculo de Bakhtin" (LÄHTEENMÄKI, 2012, p. 92).

2 O tema e a relação entre infra e superestrutura

Bakhtin (Volochínov) postula que não se deve tratar os fenômenos superestruturais de forma isolada (em relação a outros fenômenos superestruturais). Isso porque "toda esfera ideológica se apresenta como um conjunto único e indivisível cujos elementos, sem exceção, reagem a uma transformação da infra-estrutura" (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 1988, p. 39). Para a compreensão de um fenômeno superestrutural (como os linguísticos) deve-se considerar a sua relação com a infra-estrutura entendendo a ambos como "esferas [qualitativamente diferenciadas] de influência

recíproca” (Idem, 1988, p. 39). Somente assim, os fenômenos poderão ser apreendidos não como uma “convergência superficial”, mas “num processo de evolução social realmente dialético, que procede da infra-estrutura e vai *tomar forma* nas superestruturas” (Idem, 1988, p. 39-40, grifo meu). Esse processo deve ser entendido necessariamente com base na relação recíproca entre a infra e as superestruturas, ligando-se à questão central para o pensamento de Bakhtin (Volochínov) de saber “*como* a realidade (a infra-estrutura) determina o signo, *como* o signo reflete e refrata a realidade em transformação” (Idem, 1988, p. 41, grifos do autor). A palavra capta o processo de transformação da infra-estrutura em superestrutura antes dessa transformação “engendrar uma forma ideológica nova e acabada”. Por isso, a palavra é “o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais” (Idem, *ibidem*, grifos do autor).

Portanto, Bakhtin (Volochínov) coloca o signo linguístico como o elemento através do qual melhor se pode observar a transformação da infra-estrutura em superestruturas. Por isso, a devida consideração da “especificidade do material semiótico-ideológico” possibilita um entendimento adequado do fenômeno ideológico⁷ (Idem, 1988, p. 40). O caminho percorrido para a formação do signo das relações infra-estruturais (de produção) às superestruturas é longo e muito matizado, não devendo, portanto, ser tratado de modo genérico nem simplificado. Quando está em questão o estudo da linguagem, o entendimento do conceito de “tema” é bastante relevante para a compreensão de parte desse processo, pois, para Bakhtin (Volochínov):

As relações de produção e a estrutura sócio-política que delas diretamente deriva determinam todos os contatos verbais possíveis entre indivíduos, todas as formas e os meios de comunicação verbal (...). Por sua vez, das condições, formas e tipos da comunicação verbal derivam tanto as formas como os temas dos atos de fala. (Idem, 1988, p. 42)

Estando no final de um processo iniciado na infra-estrutura, o “tema” se mostra central para a filosofia da linguagem (e para o marxismo), já que “um dos problemas fundamentais do marxismo, o das relações en-

7 Conforme Lähteenmäki (2012, p. 95), “ideologia” aparece na obra em foco com “duas acepções distintas”. Pode referir-se a uma “visão de mundo social específica, isto é, à ideologia de uma classe social em particular”; e também pode “designar diferentes esferas da atividade humana, as quais envolvem o uso de signos”. No presente trabalho, por tratarmos justamente do processo de construção dessas ideologias, ambos os sentidos devem ser considerados. A ênfase em uma ou outra acepção, quando necessária, será indicada ao longo do estudo.

tre infra-estrutura e as superestruturas, acha-se intimamente ligado (...) aos problemas da filosofia da linguagem” (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 1988, p. 39). A pergunta de como a infra-estrutura determina as ideologias não pode ser respondida, por risco de demasiado genérico e simplista, pela causalidade; sobretudo se se tratar de uma “causalidade mecanicista” que é uma “categoria inerte” para a abordagem dos problemas fundamentais do marxismo histórico ou de qualquer “ciência das ideologias” (Idem, 1988, p. 39). Daí a importância para o entendimento da existência do “tema” de se considerar as relações entre infra e superestrutura, já que é a partir dos “contatos verbais possíveis entre indivíduos”; através das “formas” e “meios de comunicação verbal” – determinados pela estrutura sócio-política, que, por sua vez, deriva diretamente das relações de produção (infra-estrutura) – que as formas e os temas dos atos de fala são originados.

3 Os temas, as formas e a psicologia do corpo social

3.1 Psicologia do corpo social

Psicologia do corpo social é uma “espécie de ligação entre a estrutura sócio-política e a ideologia no sentido estrito do termo (ciência, arte, etc.)” que “realiza-se, materializa-se, sob a forma de interação verbal”. Essa psicologia é “inteiramente exteriorizada”, nela, “tudo está na superfície, tudo está na troca, tudo está no material, principalmente no material verbal⁸” (Idem, 1988, 41).

Como foi indicado anteriormente, para Bakhtin (Volochínov) todos os “contatos verbais possíveis” e todas “as formas e os meios de comunicação verbal” são determinados pela estrutura sócio-política que derivam diretamente das relações de produção. Para o(s) teórico(s) russo(s), não só as formas, mas também os temas dos atos de fala derivam dessas “condições, formas e tipos da comunicação verbal” (Idem, 1988, p. 42). Portanto, as formas e os temas dos atos de fala são a emersão superestrutural de uma cadeia que tem como base as relações de produção (infra-estrutura), da qual deriva diretamente a estrutura sócio-política. Essa estrutura determina todos os contatos, meios e formas possíveis de comunicação verbal. Essa é gênese do contexto do qual derivam os temas e as formas dos atos de fala. E a psicologia do corpo social é justamente o “ambiente inicial de *atos de fala* de toda espécie e nela “se manifesta essencialmente nos mais diver-

8 O conceito de material é desenvolvido na *Estética da criação verbal*. Ele é visto como algo que compõe a comunicação verbal, mas que não se confunde com ela. “a consciência linguística é apenas um elemento, um material, totalmente guiado” (BAKHTIN, 2010, p. 179).

sos aspectos da “enunciação” sob a forma de *diferentes modos de discurso*, sejam eles interiores ou exteriores. Idem, 1988, p. 42, grifos do autor). A importância do entendimento da psicologia do corpo social repousa, sobretudo, no fato de que nela “se acham submersas todas as formas e aspectos da criação ideológica ininterrupta: as conversas de corredor, as trocas de opinião no teatro, (...) nas diferentes reuniões sociais” (Idem, 1988, p. 42, grifos do autor). Daí podermos entender com maior clareza definição de psicologia do corpo social como o elemento de ligação entre a estrutura sócio-política e a ideologia “no sentido estrito do termo (ciência, arte, etc.)” (Idem, 1988, p.41). Cabe lembrar (para fins de ampliação do entendimento dos conceitos comentados nessa passagem, bem como da importância da psicologia do corpo social, contexto gerador de todos os temas e formas dos atos de fala) o que é a ideologia “no sentido estrito do termo” para Bakhtin (Volochínov). Cada uma dessas ideologias em sentido estrito – que em outra passagem de *Marxismo e filosofia da linguagem* (1988) foram chamadas de “campo[s] de criatividade ideológica” (Idem, 1988, p. 33) – tem seu “próprio modo de orientação para a realidade e a refrata à sua maneira” (Idem, ibidem). Portanto, quando o autor tenta entender o surgimento dos temas e formas dos atos de fala através do esclarecimento sobre a psicologia do corpo social – com sua matizada evolução desde as bases infra-estruturais – ele quer esclarecer como as relações infra-estruturais chegam a compor, por meio da “criação ideológica ininterrupta”, campos ideológicos (arte, religião, ciência...) que orientam para e refratam a realidade de maneiras específicas. Em meio a tudo isso, Bakhtin (Volochínov) mostra a importância do estudo dessa psicologia do corpo social a partir de dois pontos de vista: primeiro “do conteúdo, dos temas que aí [na psicologia do corpo social] se encontram atualizados num dado momento do tempo”; e em segundo lugar, “do ponto de vista dos tipos e formas de discurso através dos quais estes temas tomam forma, são comentados, se realizam, são experimentados, são pensados (Idem, 1988, p. 42)”. Isso quer dizer que o tema de cada ato de fala é a porção de sentido existente no limiar entre o conteúdo (atualizado a cada ocorrência) e a maneira como esse conteúdo se dá a conhecer. Desse modo, forma e conteúdo são entendidos como interdependentes e mutuamente influenciáveis num processo dialético cuja síntese é o tema de cada enunciação.

3.1.1 Os temas e as formas

Além dos nexos expostos acima sobre o vínculo basilar, tanto para a filosofia da linguagem quanto para o marxismo, da relação infra-estrutura/

superestruturas e as etapas de evolução social até a constituição da psicologia do corpo social a que a noção de “tema” está atrelada, esse conceito é representativo também para a compreensão de um dado central para o conhecimento linguístico, que é o da noção de *forma*. Bakhtin (Volochínov), falando das possibilidades de estudo da “psicologia do corpo social”, aponta que um dos pontos de vista a partir do qual se deve estudar essa psicologia é dos “*tipos e formas de discurso* através dos quais estes temas [que se encontram atualizados na psicologia do corpo social] tomam forma, são comentados, se realizam, são experimentados, são pensados, etc.” (Idem, 1988, p. 42, grifos do autor). Mais adiante, Bakhtin (Volochínov) vai dizer que “os temas e formas da criação ideológica crescem juntos e constituem no fundo as duas facetas de uma só e mesma coisa” e em seguida, “o nascimento dos temas e das formas” é o “processo de *integração da realidade na ideologia*” (Idem, 1988, p. 46, grifos meus). E “a cada forma de discurso social, corresponde um grupo de temas” (Idem, 1988, p. 43). Daí a constituição da unidade indestrutível entre os temas e as formas.

Há, portanto, uma relação muito forte do conceito de “tema” com a questão da forma⁹. De modo que os temas são dotados de uma significação¹⁰ que necessita das formas para se materializar e, ao ser materializada por essas formas, tornando-se tema, a significação passa a ser constituída semanticamente também pelas formas que a materializaram. Dessa união inseparável entre significação e forma surge o tema.

4 Tema, realidade e significação

Bakhtin (Volochínov) chega a definir em algumas passagens de *Marxismo e filosofia da linguagem* (1988) o que é o tema do signo: “Admitamos chamar a realidade que dá lugar à formação de um signo de *tema* do signo. Cada signo constituído possui seu tema. Assim, cada manifestação verbal tem seu tema” (Idem, 1988, p. 45, grifo do autor). Há, então, uma *realidade*

9 Em Dias (2005, p. 102, grifos do autor) encontramos uma discussão importante acerca disso. Retomando a ideia expressa no *Marxismo e filosofia da linguagem* (1988) de que “o que torna a forma linguística um signo não é sua identidade como sinal, mas sua mobilidade específica”, Dias comenta que a “mobilidade específica da forma linguística é a orientação que é conferida à palavra (no sentido genérico) por um contexto e uma situação”. A partir disso, afirma que “já está no próprio conceito de signo a ideia de que significar não é algo da *forma*, mas da *mobilidade específica da forma*”. E continua, “mas a forma existe. E resiste, como um objeto sempre igual a si mesmo”.

10 Ver na seção abaixo, *Tema e significação*, a relação entre esses conceitos.

que dá lugar à formação de um signo. A possível explicação para tal aspecto do conceito de tema se daria em virtude da relação que o conteúdo e o índice de valor (que afeta todo conteúdo do signo) tem com cada etapa do desenvolvimento da sociedade. Pois, para Bakhtin (Volochínov),

A cada etapa do desenvolvimento da sociedade, encontram-se grupos de objetos particulares e limitados que se tornam objeto da atenção do corpo social e que, por causa disso, tomam um valor particular. Só esse grupo de objetos dará origem a signos (...). (Idem, 1988, p. 45)

A criação dos objetos específicos de atenção de um determinado “corpo social” resulta da manifestação de valores desenvolvidos no interior desse corpo social, cujas bases são sócio-econômicas. Os materiais semiótico-ideológicos (os signos) se originam desses objetos dotados de índice de valor social (inter-individual). E, conforme Bakhtin (Volochínov), “todos os índices de valor com características ideológicas (...) constituem índices sociais de valor, com pretensões ao consenso social, e apenas em nome deste consenso é que eles se exteriorizam no material ideológico” (Idem, 1988, p. 46). Os temas e as formas são, portanto, a realização semântico-semiótica de índices de valores particulares que venceram a batalha no interior da psicologia do corpo social e penetraram na linguagem (única esfera da ideologia capaz de pretender ao consenso social e à constituição do que faz emergir aquilo que será compreendido como realidade pelos indivíduos).

A pretensão ao consenso social, não, passa, no entanto, justamente, de uma pretensão; já que no signo “*confrontam-se índices de valor contraditórios*” o que o torna “vivo e móvel” (Idem, 1988, p. 46, grifo do autor). De onde advém o caráter refratário (e não apenas refletivo) do signo. Isso porque por mais que ideologicamente possa haver a tentativa de estabilização de seu sentido, a “*dialética interna do signo*” (Idem, 1988, p. 47, grifo do autor) – formado concretamente *nas* condições materiais da vida – é engendrada por suas tensões sociais formativas, preservando seu caráter de *arena* em que a luta entre valores sociais contraditórios acontece.

Deve-se considerar sempre os índices de valor que subjazem os usos da linguagem, pois há uma “inter-relação entre a apreciação e a significação”. Em cada uso da palavra, quando um “conteúdo objetivo é expresso” (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 1988, p. 132), o valor apreciativo está presente – assim como o tema e a significação. Assim como o tema, a realização material da linguagem é inseparável do acento apreciativo, sendo ele

(sempre) constitutivo da palavra: "Sem acento apreciativo, não há palavra" (Idem, 1988, p. 132). Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1988), Bakhtin (Volochínov) dá um exemplo retirado do *Diário de um escritor* de Dostoievski em que ele comenta seis usos diferentes de uma mesma palavra (um palavrão) realizados por seis operários. Nesse momento estreitam-se os laços entre o tema e o valor (ou orientação ou modalidade) apreciativo. Tanto um quanto o outro são propriedades de cada enunciação. Veja-se:

Em todos esses casos [das falas dos operários], o tema que é uma propriedade de cada enunciação (*cada uma das enunciações dos seis operários tinha um tema próprio*) (...).

Em qualquer enunciação (...), uma enorme importância pertence à apreciação. (...) Não se pode construir uma enunciação sem modalidade apreciativa. Toda enunciação compreende *antes de mais nada uma orientação apreciativa*. É por isso que, *na enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação*. (Idem, 1988, 134-5, itálico do autor na expressão "orientação apreciativa", nos demais casos, itálicos meus)

Logo adiante ele afirma que "a significação objetiva [nos nossos termos, o sentido] forma-se graças à apreciação; ela indica que uma determinada significação objetiva entrou no horizonte dos interlocutores – tanto no horizonte imediato como no horizonte social mais amplo de um grupo social" (Idem, 1988, p. 135). A apreciação, além de ser responsável pela formação do sentido, também tem papel central na *mudança* sofrida pela significação, já que "é à apreciação que se deve o papel criativo nas mudanças de significação. A mudança de significação é sempre, no final das contas, uma *reavaliação* (...). A evolução semântica na língua é sempre ligada à evolução do horizonte apreciativo de um dado grupo social" (Idem, 1988, p. 135-6).

Durante o processo de reavaliação, há uma relação dialética entre os elementos que foram dotados de valor, "que foram integrados no círculo do interesse social, que se tornaram objetos da fala e da emoção humana" (Idem, 1988, p. 136) e os já integrados. E "essa evolução dialética reflete-se na evolução semântica. Uma nova significação se descobre na antiga e através da antiga, mas a fim de entrar em contradição com ela e reconstruí-la" (Idem, 1988, p. 136). Esse processo é conflitivo e o "resultado é uma luta incessante dos acentos em cada área semântica da existência" (Idem, 1988, p. 136). Isso é uma constante na vida, não há estabilidade e a sociedade e o ser (ambos em transformação) alargam-se continuamente para se integra-

rem. Daí que a significação, entendida como um “elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias” (Idem, 1988, p. 136).

4.1 Tema e significação¹¹

A relação entre o tema e a significação tem tamanha importância para Bakhtin (Volochínov) que ele chega a compor um capítulo (o sétimo) de seu *Marxismo e filosofia da linguagem* destinado ao assunto e com o título “Tema e significação na língua”. Aí o autor compara os dois conceitos e lança algumas definições de tema:

Um sentido definido e único, uma significação unitária, é uma propriedade que pertence a cada enunciação *como um todo*. Vamos chamar o sentido da enunciação completa o seu *tema*. O tema deve ser único. (...) O tema da enunciação é na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável. Ele se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação. (Idem, 1988, p. 128, grifos do autor)

Em seguida, como num prenúncio à pragmática, Bakhtin (Volochínov) diz que uma determinada enunciação

tem um sentido diferente a cada vez que é usada e também consequentemente, na nossa terminologia, um outro tema, que depende da situação histórica concreta (história, numa escala microscópica) em que é pronunciada e da qual constitui na verdade um elemento.

Conclui-se que o tema da enunciação é determinado não só

11 Diferentemente do que ocorre em relação ao “tema”, não consegui perceber distinção tão nítida entre “significação” e “sentido” no *Marxismo e filosofia da linguagem* (1988). Valendo-me de alguns índices da leitura, os usos que darei, ora para *significação* ora para *sentido* são os seguintes: significação corresponde, como pretendo que fique esclarecido no presente subcapítulo, a porção estável da construção do sentido, cuja porção instável é constituída pelo tema. Como se verá, mesmo sendo considerada estável na comparação com o tema, a estabilidade da significação é provisória, justamente pela ação transformativa do uso da linguagem e da diversidade de temas decorrentes daí. Desse modo, a virtualidade da significação, que corresponde aos sentidos potenciais que o signo vai incorporando, é complementada pela concretude do tema, cujo sentido é assumido a cada realização.

pelas formas linguísticas que entram na composição (...) mas igualmente pelos elementos não verbais da situação. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 1988, p. 128)

Entre os “elementos não verbais da situação” inclui-se a recepção, a atividade interpretativa do interlocutor, já que “a teoria que se apoia sobre uma compreensão passiva não nos dá os meios de abordar os fundamentos e as características essenciais da significação linguística” (Idem, 1988, p. 128). Os elementos da situação são tão importantes para a compreensão da enunciação quanto qualquer palavra que a compõe. Somente considerando todos esses elementos pode-se dizer que a enunciação está sendo tomada em sua “amplitude concreta, como fenômeno histórico” e apenas a enunciação assim entendida “possui um tema” (Idem, 1988, p. 129).

Contrapondo-se – e para empreender a análise efetivamente dialética do fenômeno linguístico da enunciação – ao “caráter não reiterável e historicamente único de cada enunciação concreta”, existe “no interior” do tema e como elemento constitutivo da enunciação a “*significação*” (Idem, *ibidem*). Bakhtin (Volochínov) entende a significação como a contrapartida dialética do tema (co-existindo em seu interior) na realização concreta da enunciação, já que ela (a significação) é composta pelos “elementos da enunciação que são *reiteráveis e idênticos* a cada vez que são repetidos” (Idem, 1988, p. 129, grifos do autor). Claro que Bakhtin (Volochínov) não deixa de postular que esses elementos são sempre abstratos, pois, já que “fundados em uma convenção, eles não têm existência concreta independente”. Isso, porém, “não os impede de formar uma parte inalienável, indispensável, da enunciação” (Idem, 1988, p. 129). Fundamental ressaltar aqui, à luz do trabalho de Lähteenmäki (2012, p. 116), que não é possível transmitir o significado de uma palavra em particular sem enunciá-la e, por isso, a relação entre significado e tema é “constantemente reestabelecida e potencialmente transformadora na interação social”.

Considera-se o tema, então, como a base instável da constituição dos enunciados concretos que necessita associar-se a uma significação para participar da comunicação. O significado, por sua vez, “pode existir apenas no signo material e ele emerge de uma interação social entre interlocutores” (Idem, *ibidem*). O tema de uma enunciação não pode ser apreendido a partir da simples soma de suas partes constitutivas, ele só existe como um todo, justamente por ser individual e não reiterável. A significação, ao contrário, pode ser apreendida pelo “conjunto de significações ligadas aos elementos linguísticos que a compõe” (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV),

1988, p. 129). Dialeticamente, não se pode perder de vista que são opostos que se complementam necessariamente:

A significação é um *aparato técnico para a realização* do tema. (...) Não há tema sem significação, e vice-versa. Além disso, é impossível designar a significação de uma palavra isolada (por exemplo, no processo de ensinar uma língua estrangeira) sem fazer dela o elemento de um tema, isto é, sem construir uma enunciação, um “exemplo”. Por outro lado, o tema deve apoiar-se sobre uma certa estabilidade de significação; caso contrário, ele perderia seu elo com o que o precede e o que segue, ele perderia, em suma, o seu sentido. (Idem, 1988, p. 129, grifos do autor).

A significação é uma “possibilidade de significar no interior de um tema concreto” (Idem, p. 131). Conforme observou Dias (2005, p. 100), em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1988), a palavra é entendida como algo que “adquire significações relativas aos contextos aos quais ela pode inserir-se; no entanto, a palavra não deixa de ser una. E essa unicidade é assegurada não só pela sua composição fonética como também pela unicidade inerente a todas as suas significações”. Há um paralelo possível entre palavra/signo e sinal que se entrelaça à relação tema/significado. Já que um “complexo sonoro” que contivesse uma única significação “inerte e imutável (...) não seria uma palavra, não seria um signo, mas apenas um sinal”. Esse não tem a capacidade de adaptar-se a condições mutáveis e a “mudança num sinal significa substituição de um sinal por outro”, enquanto a palavra é, por definição, “onisignificante” (Idem, 1988, p. 130); traço esse que a constitui justamente pelo fato de ser composta não só pela significação, mas também pelo tema, o que agrega a ela uma característica essencial: a inseparabilidade da situação concreta de sua realização para sua constituição semântica. A significação, como dito acima, é fundada em uma convenção. E essa corresponde à sedimentação de sentidos ao longo do desenvolvimento da linguagem, pois “à medida que (...) seu [da linguagem] estoque de complexos sonoros aumentou, *as significações começaram a estabilizar-se segundo as linhas que eram básicas e mais frequentes na vida da comunidade para a utilização temática dessa ou daquela palavra*” (Idem, 1988, p. 130, grifos meus). Foi, então, a recorrência de usos temáticos específicos das palavras, gerados de acordo com as necessidades humanas particulares que possibilitou a criação dessa convenção, dessa sedimentação semântica, do significado.

A origem, portanto, do todo semântico das palavras e, por extensão,

das enunciações reside na sua potencialidade “onisignificante” que permite a ela a adaptação às mais diversas situações da vida. Essas situações são expressas pela linguagem, daí “os usos da linguagem serem tão multiformes quanto os campos da atividade humana” (BAKHTIN, 2010, p. 261). Os temas originam-se desses usos que, por sua vez, derivam das atividades humanas. A continuidade e a recorrência de “linhas básicas” em determinadas atividades humanas se articulam a usos específicos da linguagem que sedimentam traços semânticos presentes no tema existente em cada enunciação, originando a significação. Essa permanecerá relativamente estável ao longo do desenvolvimento da linguagem, complementada, no entanto, nesse desenvolvimento, pela instabilidade semântica constitutiva da linguagem, representada pelo tema. Combinação essa, entre significação e tema, que permitirá à linguagem, a um só tempo, ser reconhecível semanticamente aos indivíduos pelo vínculo com os usos já feitos dela e deformar, desviar, “refratar” essa significação de acordo com o processo gerador de tudo isso, as realizações das atividades humanas.

A essas realizações das atividades humanas correspondem as realizações efetivas também da linguagem (sua única existência real), que são, sem dúvida, a etapa mais importante do processo comunicativo, e de onde se apreende o tema. Bakhtin (Volochínov) deixa bem clara a hierarquia:

O tema constitui o *estágio superior real da capacidade linguística de significar*. De fato, apenas o tema significa de maneira determinada. A significação é o *estágio inferior da capacidade de significar*. A significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um *potencial*, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto. (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV, 1988, p. 131, grifos do autor)

Os elementos de uma enunciação estão em articulação ativa e concreta entre si. Elementos esses que de modo abstrato estariam fora da constituição do sentido.

5 Conclusão

Carregado de conteúdo atualizável a cada enunciação, o tema demonstra como o acento apreciativo sempre participa do sentido dos enunciados, pois ele é também constituído pela forma que o carrega e é justamente na

forma que o acento apreciativo é percebido de modo mais enfático (mais do que na própria significação da palavra).

O conceito de “tema”, a despeito de não fazer parte da gama de conceitos mais estudados de Bakhtin, é fundamental para a compreensão efetivamente materialista da linguagem. Isso por que o tema é constitutivo dos atos de fala que mantém relação necessariamente dialética entre infra e superestruturas, entre a ideologia imersa e a emersa, entre significação e forma. Ele é um dos elementos centrais da materialização e da emersão superestrutural da infra-estrutura na ideologia. Pode-se entendê-lo como a síntese de conteúdo e forma realizada em cada ato de fala.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem 4ª ed. Tradução por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo por Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. – 4ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2010. – (Coleção biblioteca universal)
- BUBNOVA, Tatiana. Valentín Nikoláievich Volóshinov (1894-1936): El marxismo y la filosofía del lenguaje y el círculo de Bajtín. In: *El marxismo y la filosofía del lenguaje*. Los principales problemas del método sociológico en la ciencia del lenguaje. Trad. Tatiana Bubnova. Buenos Aires: Ediciones Godot Argentina, 2009.
- CEREJA, William. *Significação e tema*. In.: *BAKHTIN: conceitos-chave* / Beth Brait, (org.). – São Paulo: Contexto, 2005.
- DÍAS, Francisco Luiz. Significação e forma linguística na visão de Bakhtin. In: *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. (Org.) Beth Brait. – 2ª ed. rev. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
- LÄHTEENMÄKI, Mika. Valentin Voloshinov: signos, ideologia e sentido. In: *História das ideias*. Diálogos entre linguagem, cultura e história. Ana Zandwais (org.) – Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2012.
- SÉRIOT, Patrick. *Volosinov e a filosofia da linguagem*. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Párbola Editorial, 2015.

Recebido em: 30/06/2015. Aceito em: 14/08/2015.